Fragmentos do Ciclo dos Símios

Larissa Marques

"Não era tanto pelo fato de mentir, mas porque não havia verdades a dizer." (Ernest Hemingway, As Neves do Kilimanjaro)

Carlos não matou o espadarte gigantesco. Carlos não escalou o Kilimanjaro. Não dançou salsa em Cuba nem fez os sinos se dobrarem. Carlos não é Ernest Hemingway. Mas Carlos e Hemingway têm algo em comum: ambos são símios. À revelia da Santa Sé, despudoradamente, ainda que em derredor de qualquer esfera científica que engendre a vã empreitada de atraí-los aos limites do círculo. Hemingway e Carlos não podem ser encarcerados na redoma de vidro, à mercê dos olhos imóveis, perscrutadores, dos PhD de plantão e seus óculos e seus alvíssimos jalecos. Há volume demais, volume etéreo, diáfano, contraditório como a existência. É impossível escrutar a existência, substância amorfa, indócil, em constante motim. Fragmentá-la, como nos mostra a narradora-personagem de "Fragmentos do Ciclo dos Símios", é tarefa exequível, desde que se tenha a coragem, o desprendimento, a paixão necessária ao mergulho nas águas turvas, por vezes gélidas,

por vezes escaldantes, de outra existência, a aceitação do amálgama enquanto concomitante meio e fim, inevitável e inescapável, da porção humana que nos habita a nós, os símios.

Por meio de uma linguagem de cunho intimista, com forte imagética lírica, Larissa Marques apresenta ao leitor pequenas histórias, fragmentos do cotidiano de um casal que nada tem de normal, a julgar a definição de "casal normal" como aquele que respeita o ciclo "dormir-todo-dia-juntos-na-mesma-cama-dar-beijo-de-bom-dia-levar-café-na-cama-mandar-flores-no-dia-dos-namorados-pagar-contas-do-mês-jantar-fora-dar-presentes-no-aniversário-de-casamento-comprar-casa-carro-fazer-filhos-multiplicar-e-encher-a-terra-etcetera-e-tal." Não, eles não se atêm a lugares tão comuns. A relação de ambos demanda aniquilamento e transcendência, necessidade e repulsa, sadismo e masoquismo. Também o verbo. Desprovida de perspectivas, sem expectativas quanto ao amanhã, a narradora escreve. Os capítulos são tão implacáveis quanto o tempo, sôfrego, que devora o ânimo, os sonhos, a vida, o romance.

Não há escapatória, a luz no fim do túnel não existe porque o túnel é hermético, como a garagem de Moebius. A nós, símios que pensam, que escolhem e que pensam que escolhem, nos resta ingressar no túnel, impregnarmo-nos de breu e tentar descobrir a saída inexistente.

- Carlos Cruz

Tentei literalmente desenhar cada episódio deste livro. Tentei desenhar porque assim me livraria da condição de escrever menor que Larissa. E ora sinto imensa felicidade com minha pequenez. Fui ao continente da incontinência, algo entre a primavera (árabe e não) e o verão. Caminhadura infernal, calcinante. Cada fração uma inteireza multidimensional. Da medida de uma mulher visceral e sem vergonha. Sim, sem vergonha. Este aspecto de Larissa é fundamental para entendê-la. Quem não se atrever a concupiscência de suas palavras, não haverá de gozar o melhor e mais caudaloso gozo entre todas as torrentes de boas águas que possa haver. Retalhe o preconcebido até que sua vida se dê por vencida e morra, enfim, para brotar no jardim da Babilônia ou numa floresta Amazônica com seus muitos viventes, ávidos pelo direito de se proliferarem em muitas fôrmas e de muitas formas idem. Sempre com muito prazer. Que outra receita não há de se querer que não querendo em demasia. Larissa cumpre o demérito. Isso é coragem somente de quem que tem o mérito de não ser quando bem quiser. Aí,

neste limbo sem cadeias é que se é mais e mais. Esta moça corre debruçada nas interjeições com uma exclamação à humanidade: sejamos humanos! Já é muito. Este livro dá vontade de voltar à naturalidade, ao pecado original de cada um, veja bem. Estou lendo nu e teso, confesso. Mas sem párocos que não sou besta (em nenhum sentido). Livro úmido, sujo de seiva de gentes. Livro-mulher. É para sentir. Nunca para entender. Compreender, sim. Abraçar junto ao corpo vivo, com alma, e deixar-se rolar nas relvas e regaços. Não sobra espaço para respirar pausadamente. Mente quem diz conseguir tal feito ao ler esta obra no leito. Arfante, sigo adiante neste lugar sem tamanho. Como ela ousa intitular Fragmentos? Símios, sim. Com muito gosto. Diante do colossal, mais um pouco. Chego a travar diálogos mímicos com meus parentes micos. Não estamos amestrados. Graças! De galho em galho, salto sincopado nas redes estendidas no meu imaginário. Esta mulher quer me enlouquecer? Concreto. Mentira. Ela, Larissa, mente a mentira e desta lhe arranca todos os artifícios inúteis, até que só

lhe sobre a sua própria antítese – a verdade não dita porque inaudível. Quer um conselho: não entre neste mundo de Larissa. Todavia, se ousar, saiba que, em seus pensamentos alcovas, a partir de então, sempre caberá mais um. Vida larga e sem paredes. O paraíso está só começando. Aos poucos, em Fragmentos como Larissa sugere... Até que se o tenha de todo. – Aluisio Martins Rodrigues